

Originalmente publicado em: Leonor Riscado, "Hans Christian Andersen – da Dinamarca para o Mundo" in *O Bloco de Nautas – XVI Encontro de Literatura para Crianças*, Lisboa, F.C.G., 2005, pp. 97-107.

Hans Christian Andersen: da Dinamarca para o Mundo

Leonor Riscado

RESUMO

Percurso biográfico do filho de sapateiro que se ergueu da miséria e do esquecimento por força de vontade, curiosidade inesgotável e imaginação prodigiosa. São ainda abordadas as principais temáticas e características de um estilo que marcou para sempre a literatura, tendo partido de temas populares e da tradição oral, para se cristalizar em voz pessoal expressa ao longo de 156 títulos traduzidos em centenas de línguas. Retrato de um viajante incansável que também visitou Portugal.

Hans Christian Andersen nasceu a 2 de Abril de 1805, em Odense, na ilha de Fíónia, de uma família muito pobre. Quase sempre assim começam as inúmeras biografias do escritor dinamarquês, nada fazendo pois prever que sessenta e dois anos mais tarde – corria já o ano de 1867 – se visse cidadão honorário da cidade onde nascera, rodeado da admiração dos concidadãos, do brilho das luzes e dos discursos com que o acolhiam e festejavam¹.

Filho de um sapateiro, Hans Andersen, que ganhava a vida a consertar sapatos, não fazendo sequer parte da Corporação dos Sapateiros, ele tinha no pai um homem amargurado por não ter podido seguir os estudos para os quais se sentia dotado². A mãe de Andersen, Anne-Marie Andersdatter, sete ou oito anos mais velha que o marido, com quem casara dois meses antes de Hans Christian nascer, já tinha uma filha de outro homem; a avó por parte da mãe estivera presa depois de ter dado à luz o terceiro filho ilegítimo. Dos avós paternos registam-se a mitomania da avó que insistia no parentesco com a nobreza alemã, por via de uma hipotética antepassada, e a loucura do avô cujas extravagâncias provocavam o escárnio geral. Da recordação deste avô herdou Andersen

¹ Sobre a vida e obra de Hans Christian Andersen registem-se, em Portugal, de Adolfo Simões Muller, o primeiro volume da colecção para a infância e juventude, "Histórias de Sempre", *O Contador de Histórias – o conto de fadas da vida de Andersen e as suas mais belas histórias*, Lisboa, Figueirinhas, 1982 e, de Silva Duarte, o estudo *Andersen e a sua Obra*, Lisboa, Livros Horizonte, 1995. Para além destes dois títulos recordem-se, também, de Maria Isabel de Mendonça Soares, *Hans Christian Andersen Vida e Obra*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1974 e a *Homenagem a Hans Christian Andersen no Aniversário da Sua Morte 4 de Agosto de 1989*, Sintra, (org.) Câmara Municipal de Sintra, 1989. Além desses, encontra-se na tradução de Ana de Castro Osório e Lisa Tilberg, *A princesa e a ervilha e outros contos*, Lisboa, Vega, 1993, um capítulo da responsabilidade daquela pedagoga sobre a vida de Andersen, intitulado "A mais linda história do livro", a pp. 87-95.

² A propósito do meio social desfavorecido que rodeou a infância de Andersen e da sua posterior ascensão, veja-se o esclarecedor Prefácio de Marc Auctet a *Andersen, Contes*, (Préface, Notes et Traduction Nouvelle par Marc Auctet), Paris, Classiques de Poche, 2003.

o medo de também ele vir a ficar demente pois tinha nítida consciência, como escreveu posteriormente, que *era da sua carne e do seu sangue*³; em relação à meia-irmã, prostituta, teve sempre receio que ela lhe aparecesse para o atormentar, o que de facto veio a acontecer, provocando-lhe grande embaraço⁴. A pobreza do então jovem casal – em 1805, o pai de Andersen tem apenas vinte e dois anos – é tanta que a cama foi improvisada com a madeira do cadafalso da igreja onde estivera exposto o ataúde de um nobre⁵ o que levou, algum tempo depois, a criança a interrogar-se sobre o que seriam *uns pedaços de pano preto que pendiam do leito*⁶. E numa descrição do ambiente e da casa da infância, recorda Andersen, mais tarde – *No algeroz, entre a nossa casa e a do vizinho, tinham posto uma calha cheia de terra, onde cresciam magnificamente cebolinhas e salsa: e a isto se reduzia a horta da minha mãe*⁷. A própria infância da mãe lhe causa dor, quando sabe que, obrigada pelos pais a pedir esmola, ela chorava e se escondia debaixo da ponte, sem ousar voltar para casa – *Com a minha imaginação de criança conseguia ver tão bem esta cena que só de pensar nela as lágrimas corriam-me*⁸. As carências materiais eram de tal ordem que o facto de, no dia da Confirmação, ter tido o primeiro par de botas novas feitas pelo pai lhe provocou tamanha alegria que quase lhe desviou a atenção da cerimónia religiosa e isso provoca-lhe um remorso que o leva a confessar: *A minha devoção foi perturbada. Dava-me conta disso e estava torturado porque os meus pensamentos iam tanto para os meus sapatos como para o bom Deus*⁹; para complicar mais a situação, vinham-lhe também, provavelmente, à memória uns sapatos de baile, vermelhos, com os quais esse mesmo pai falhara a prova de admissão no castelo vizinho que buscava um sapateiro¹⁰ e, entre a realidade presente e a experiência passada, o seu espírito devoto entretinha-se a deambular, sempre, por outras paragens. Com o pai terá aprendido a imaginar e talvez esta sua tendência para a imaginação e o inconformismo lhe tenha salvo a infância e o futuro porque, a par dela, terá recebido como carga genética paterna a tendência para a melancolia, a hipersensibilidade e a instabilidade emocional. Em contrapartida, a mãe ter-lhe-á inculcido, lado a lado com uma enorme dose de superstição e uma religiosidade ingénua, a capacidade de sobreviver através das agruras da vida¹¹. A partir desta polifacetada herança, Hans Christian Andersen vai criar, para si próprio e transmitir aos outros, a ideia jamais desmentida de que a sua vida foi um “belo conto”¹² e de que o bom Deus dispõe tudo pelo melhor. Assim, também a Providência protege os eleitos mas, para isso, eles devem demonstrar merecê-lo¹³. A impressão que ele apresenta sobre a sua infância é, apesar de todas as adversidades, a de uma infância feliz e esse

³ Estes e outros receios de Andersen aparecem referidos por Naomi Lewis, na sua Introdução a *Hans Andersen's Fairy Tales – a Selection*, (Translated from the Danish by L. W. Kingsland and an Introduction by Naomi Lewis), Oxford-New York, Oxford University Press, 1998, p. X.

⁴ *Idem, Ibidem*, p. X.

⁵ Estas e outras informações sobre a vida de Andersen e as suas memórias da infância surgem em Carmen Bravo-Villasante, na sua *História da Literatura Infantil Universal*, vol. I, Lisboa, Vega, 1977.

⁶ Adolfo Simões Muller, *op. cit.*, p. 23.

⁷ Carmen Bravo-Villasante, *op. cit.*, p. 54.

⁸ *Idem, Ibidem*, p.55.

⁹ A citação é extraída do Prefácio de Alain Faudemay a *Andersen – Contes choisis*, Paris, Gallimard, 2001, p. 25.

¹⁰ Esta é a hipótese avançada por Adolfo Simões Muller, *op. cit.*, pp. 30-32.

¹¹ Alguns destes aspectos são referidos na Introdução já citada de Naomi Lewis, a pp. X e XI.

¹² O texto consultado encontra-se em *Project Gutenberg's The True Story of My Life*, by Hans Christian Andersen, na página www.gutenberg.net

¹³ Carmen Bravo-Villasante, *op. cit.*, p.56.

sentimento de felicidade infantil também nunca foi negado. É, contudo normal que estes condicionalismos da juventude tenham levado à sua omnipresente admiração e simpatia pelos pobres e desfavorecidos¹⁴, em detrimento dos poderosos, excepto quando estes manifestam benevolência e humanidade. Na sua ingenuidade, decerto conservou na memória as profecias da vidente que predissera à mãe o reconhecimento mundial para aquele filho, em louvor do qual Odense se iluminaria e, juntamente com a recordação de alguns contos narrados ou lidos pelo pai, fácil se lhe tornou imaginar que, depois de algumas duras provas, a glória chegaria.

Para atingir a celebridade, Andersen parte, em 1819, com catorze anos e magras bagagens, em direcção a Copenhaga. Um desejo incomensurável de se tornar célebre a qualquer preço fá-lo passar fome, submeter-se ao ridículo¹⁵ e ocupar-se de ínfimas e variadas tarefas menores que o aproximassem do mundo do Teatro Real pois o seu grande anseio era ser actor. Esta predisposição vem-lhe dos tempos de criança, quando depois de ter visto uma peça de Holberg, se deliciou a escrever peças para os bonecos com que, juntamente com o pai – entretanto falecido em 1816 – ensaiava as suas representações. A vida em Copenhaga mostrou-se difícil e mais não conseguiu do que desempenhar papéis insignificantes em uma ou outra peça, até que conseguiu a protecção de um amigo que o adoptou para sempre, Jonas Collin, membro da comissão do Teatro Real. Uma vez confiado ao director da Escola Latina de Slagelse, o reitor Simon Meisling, onde ficará até 1827, Andersen vai encetar os cinco anos mais sombrios da sua existência devido à dureza e tirania do mestre de quem só se liberta definitivamente quando é admitido na Universidade, em 1828, então já com 23 anos.

Algumas tentativas literárias foram surgindo e a narrativa de viagens, *Viagem a pé do Canal de Holmen à Ponta Leste de Amager*, de 1829, influenciada por Hoffman e Heine, teve boa recepção por parte da crítica.

O seu primeiro desgosto de amor surge com a irmã de um colega estudante, Riborg Voigt, que conheceu numa viagem de vários meses à Jutlândia e à Fíónia, em 1830. O compromisso de Riborg com outro jovem, fará com que a atracção – que parece ter sido partilhada – não tenha tido resultados práticos e eles só se verão doze anos mais tarde, ela já casada e com filhos. De uma sensibilidade feminina, marcado pelo desgosto da rejeição, Andersen foge e empreende a sua primeira viagem ao estrangeiro; as viagens que, para ele, paradoxalmente, eram imprescindíveis como a Vida – “Viajar é Viver!” – e lhe causavam terrores e fobias¹⁶, serviram, também, decerto, para o afastar de outros desgostos de amor provocados por Sofia Orsted, Louise Collin, filha do seu protector Jonas Collin, ou a cantora sueca Jenny Lind; até ao fim da sua vida, para além da Alemanha, fará mais de trinta viagens que o levarão a França, à Suíça, à Itália, onde se demora por Roma e Nápoles, Holanda, Bélgica, Inglaterra, Escócia, Suécia, Noruega,

¹⁴ Sobre a vida, obra e filosofia de Hans Christian Andersen, veja-se Marc Soriano, *Guide de Littérature pour la Jeunesse*, Paris, Flammarion, 1975, “Hans Christian Andersen”, pp. 42-46.

¹⁵ Entre as suas primeiras tentativas desastradas para entrar para o Teatro conta-se a da entrevista com Madame Schall diante de quem H. C. Andersen cantou e dançou de tal forma empolgado que ela o julgou louco. A este propósito e, também, a propósito da sua difícil escalada para a fama, veja-se Silva Duarte, *op. cit.*, “Uma Biografia”.

¹⁶ Refere Silva Duarte, em *Andersen e a sua Obra*, que ele transportava sempre na bagagem uma longa corda para se poder salvar caso houvesse algum incêndio.

Turquia, Espanha e Portugal que dá origem ao relato *Uma visita em Portugal em 1866*¹⁷. Em 1835, Andersen completa, na Dinamarca, *O Improvisador*, romance iniciado em Roma, que lhe abrirá definitivamente as portas do sucesso e o consagrará como escritor de importância europeia. Mas serão os *Contos para crianças* deste mesmo ano que farão comentar ao físico Orsted que se *O Improvisador o tinha tornado famoso, os contos fá-lo-iam imortal*¹⁸, numa notável prefiguração do valor da sua obra contística, e em total desacordo com as agoirentas palavras da crítica, para quem tinham *muitos pontos fracos*, além de serem *deploráveis do ponto de vista moral*¹⁹. É também Orsted quem, referindo-se ao conjunto dos contos de Andersen, afirma que eles agradaram, em primeiro lugar pelo seu romantismo, e depois pela sua sensibilidade e humor²⁰.

Até ao dia da sua morte, a 4 de Agosto, em Copenhaga, Hans Christian Andersen escreveu mais contos e histórias, num total de 156 títulos²¹, afastando-se, progressivamente, dos temas populares e das histórias ouvidas em criança, para desenvolver um estilo, cada vez mais, pessoal e único, em que as suas vivências afloram constantemente, em que o contador-actor cria tantas máscaras que, através delas, se desvela e desnuda de forma bem mais integral do que nos seus diários, protegido aqui pelo véu da fantasia. Não precisou de se contentar com o fugaz papel de figurante da juventude pois ganhou, para si e para a eternidade, o estatuto de estrela que tanto perseguiu, e quando, já na velhice, vem a descobrir, através de uma fotografia, que afinal se tornara respeitável e digno, quase belo, isso enche-o de uma alegria infantil²². Ao ver-se transfigurado nesse retrato tardio talvez tenha podido entender até que ponto também ele transfigurara tudo o que escrevera através da magia que resulta do simples milagre do amor, dessa ternura radiosa a que se pode chamar a *inteligência do coração*²³; talvez tenha então, também, visto como a sua aspiração de ser um escritor de todos os tempos se concretizara, ele que tivera a intuição de que a ingenuidade fora apenas um elemento dos contos mas o verdadeiro sal fora o humor. A forma como contava, a oralidade que imprimia ao discurso, a vivacidade que dele se desprendia, os comentários cúmplices e coniventes, a musicalidade e o ritmo encantavam crianças e adultos, que compreendiam os contos dentro da medida das suas capacidades²⁴. Hoje em dia, as mais de cem línguas em que os contos de Andersen se encontram traduzidos revelam o interesse que, ao longo dos tempos, eles despertaram, mas as diferentes versões – sobretudo as traduções indirectas em larga escala – fazem também pensar em que medida o acesso à genuinidade de Andersen está, na maior parte dos casos, vedada aos seus leitores²⁵.

¹⁷ Esta viagem a Portugal surgiu do convite feito por Jorge O' Neill; este, bem como seu irmão, José O' Neill, filhos do Cônsul de Portugal na Dinamarca, travaram conhecimento com Andersen, em casa do Almirante Wulff, em Copenhaga, nos tempos de juventude. A edição portuguesa mais recente desta obra é traduzida directamente do dinamarquês, tem prefácio e notas de Silva Duarte, e foi publicada pela Gailivro, em 2003.

¹⁸ Cf. Silva Duarte, *Andersen e a sua Obra*, p. 15.

¹⁹ *Idem, ibidem*.

²⁰ Marc Soriano, *op. cit.*, p.43.

²¹ Veja-se *The Hans Christian Andersen Center* www.andersen.sdu.dk onde surge a listagem dos títulos dos contos em dinamarquês assim como se indicam as suas traduções.

²² Marc Soriano, *op. cit.*, p.43.

²³ *Idem, ibidem*.

²⁴ Relembramos o caso da leitura, por Andersen, d'«O rouxinol», na casa do jurista berlinense Savigny, referido por Alain Faudemay em *Andersen – Contes choisis*. Face às reacções sisudas da assistência, o autor teve a estranha impressão que eles não compreenderam a história.

²⁵ Em Portugal, existem traduções directas do dinamarquês, por Silva Duarte; consultaram-se *Contos de Andersen*, Lisboa, Portugal, 3ªed., 1970; *Hans Christian Andersen – Contos para Adultos*, Barcelos, Civilização, 1979; *Os cisnes selvagens e*

As fontes de inspiração foi-as acumulando ao longo da vida, desde o folclore nórdico, às narrativas d' *As Mil e Uma Noites* e da *Bíblia*, passando por Anacreonte e Boccaccio, Hoffman, Heine, Chamisso e Walter Scott; vivendo na junção de dois mundos – o velho e o novo – Hans Christian Andersen sentiu-se atraído por alguns episódios históricos do passado da Dinamarca bem como pela novidade e pelo progresso científico e daí a influência de Orsted²⁶; mas a maior e mais produtiva fonte de inspiração foi a sua vida e a vida dos seres que o rodeavam. A sua fé cristã, que o levava a encarar a morte como iluminação, libertação e continuidade da vida, e Deus como um bom pai, acompanhou-o, em maior ou menor grau, ao longo da vida. Uma parte da infância, com a sua ingenuidade e a sua capacidade de entendimento superior das coisas permaneceu sempre nele mas toda a sua existência foi marcada pela errância e pela solidão, pela procura de um lar que nunca teve, e nunca conseguiu ou não quis construir; oriundo de uma sociedade que extremava as classes sociais, marcou-o sempre o estigma das suas origens e, mesmo quando reconhecido e admirado entre os ricos e poderosos do Mundo do seu tempo, apesar de uma satisfação evidente, certo desconforto permanecia nesse espírito hipersensível e orgulhoso.

O conto foi, para Andersen, não só forma de exorcizar as origens, elevando-se acima da sua condição, como também de se elevar acima dos poderosos pela imortalidade do seu génio. De acordo com Isabelle Jan, *duas palavras resumem simultaneamente o seu génio e o seu destino: ele foi o narrador e foi o viajante*²⁷. Na obra anderseniana, a oralidade precede e sobrepõe-se à escrita, e em toda ela perpassa a interrogação sobre a natureza do conto e o papel do contador que não se limita a subjazer à narrativa, antes está lá presente sob várias formas. Para além disso, o narrador parte, com frequência, à procura do conto, porque ele se esconde em todo o lado e é preciso saber escutar e tocar as coisas pois aí reside a inspiração; não basta ver de longe, é necessário aproximar-se e entrar uma vez que tudo tem uma história de vida para contar.

Os temas dos seus contos²⁸ desenvolvem-se à volta do núcleo constituído pelo narrador, pelas personagens – humanas, animais ou objectos – e pelas paisagens – externas ou internas – numa atmosfera de quase permanente realismo, em que o sonho, por norma, não invade a vida real. Vamos encontrar, de 1835 a 1872, temas populares – expurgados e redimensionados – mas, sobretudo, temas originais, com o cunho, ora humorístico, ora grave de vários desdobramentos de um Andersen quase omnipresente, envergando, muitas vezes, as vestes das personagens, vivendo por transferência ou simpatia, até mesmo envelhecendo e recordando, num eterno retorno, fazendo sempre ouvir a sua voz, particularmente nos contos “O Sapo” (1866) e “O Patinho Feio” (1843). “As Flores da Idinha” (1835) esboçam, desde cedo, uma *performance* de Andersen enquanto jovem; o contraponto entre o pensamento animista da infância, representado pela simbiose entre Idinha e o estudante, que acreditam na “vida” das flores, e a razão dos

^{5 (cont.)} *outros contos*, Lisboa, Estampa, 2ª ed., 2003; *Contos*, Lisboa, Estampa, 3ª ed., 2001. Para além destes, foi também possível aceder à tradução do dinamarquês, já indicada, de Ana de Castro Osório e Lisa Tilberg, *A princesa e a ervilha e outros contos*, Lisboa, Vega, 1993.

²⁶ Cf. Silva Duarte, *Andersen e a sua Obra*.

²⁷ A propósito de Andersen e dos seus contos destaca-se, pela originalidade de perspectivas, o capítulo “Andersen ou la Réalité”, de Isabelle Jean, in *La Littérature Enfantine*, Paris, Les Éditions Ouvrières, 5ème édition, 1985, pp. 57-67.

²⁸ As citações dos contos que, a partir de agora, se transcrevem foram retiradas das traduções portuguesas anteriormente indicadas.

adultos (o professor de Botânica e o Conselheiro de Chancelaria), que não compreendem o que consideram *estúpida fantasia*, será recorrente nos seus contos; assim, também, a simpatia manifestada pelo narrador perante aquele estudante que recorta *figuras divertidas e engraçadas: ora um homem que estava pendurado numa forca e segurava um coração na mão, pois era um «ladrão de corações», ora uma velha bruxa que cavalgava uma vassoura e tinha o marido no nariz*. O mesmo contraponto entre a imaginação positiva e a razão castradora surge em “Dança, Dança, Minha Bonequinha!” (1871); as personagens são, uma outra vez, o estudante e a criança que se opõem ao adulto – neste caso a tia. Ameliazinha tinha tão só três anos mas gostava muito do estudante que dava lições aos irmãos, porque *era divertido* e lhe ensinara uma canção que ele próprio compusera e que achava excelente, uma canção que ela e as suas bonecas entendiam; apenas a Tia Melle discordava porque, tendo *passado para além da ombreira da infância* – nas palavras do narrador – decerto perdera o entendimento. Em “Olavinho Fecha-os-Olhos” (1842), o avô de Hialmar agradece a Olavinho Fecha-os-Olhos – personagem de contornos andersenianos – as histórias que conta ao neto mas pede-lhe também, como adulto, que não lhe baralhe as ideias; Hielmar, contudo, indiferente aos receios do avô, anseia pelas outras histórias que Olavinho tem para contar. A clivagem entre o universo adulto e o universo infantil, a partir das suas distintas formas de perceber o mundo, encontra no narrador anderseniano e nas suas personagens – ali, o estudante, aqui Olavinho Fecha-os-Olhos, ambos alter-egos do contador – o fiel de uma balança que pende, invariavelmente, para o lado da infância e da sua *inteligência do coração*.

O tema da morte, que desponta já em “As Flores da Idinha”, abre a porta para a ideia da perenidade e da renovação, pois as flores, uma vez mortas e enterradas, florirão no Verão e tornar-se-ão mais bonitas. Essa morte física revela-se, muitas vezes, – na perspectiva anderseniana – como uma luz ou um fogo que assegura a continuidade, a eternidade e o renovo, que é elevação e não queda. É o que acontece no conto “O Linho” (1848) – quando todo o papel se incendiou e *no mesmo momento foi toda uma labareda (...) foi tão alto no ar, como nunca o linho conseguira erguer a sua florzinha azul e brilhou como nunca o pano de linho conseguira brilhar*. Outras vezes, a morte transporta consigo, em muitos casos, a ideia da resignação cristã e da crença de uma vida feliz no Céu, como prémio do sofrimento na terra. Assim se passa com “A Rapariguinha dos Fósforos” (1845), provável referência à infância miserável da mãe de Andersen. A rapariguinha dos fósforos e a sua avó *voaram em esplendor e júbilo, tão alto, tão alto! E não havia aí nenhum frio, nenhuma fome, nenhum medo... estavam com Deus!*. Mas as pessoas que a viram na rua, morta pelo frio, e a encontraram sorridente, com os seus fósforos queimados, jamais souberam *em que esplendor ela com a velha avó tinham entrado no júbilo do Ano Novo!*. Esta percepção cristã da vida e da morte pode conduzir ao sentimento de culpa, ao remorso e consequente arrependimento. São disso exemplos os contos “Os Sapatos Vermelhos” (1845) e “Ana Isabel” (1859). O percurso de expurgação dos pecados mostra-se longo e doloroso em ambos os casos; a luta e o sofrimento constituem portagem necessária para transpor a ponte que separa o Mal do Bem e a Infelicidade da Felicidade. Depois de ter expiado o seu pecado de orgulho na terra, Karen alcança a paz no céu, e o *coração ficou tão cheio de luz de sol, de paz e de alegria que rebentou. A alma voou na luz do sol para Deus e ninguém houve aí que lhe perguntasse pelos sapatos vermelhos*.

Ana Isabel sente que tem de se penitenciar pelo facto de não ter amado suficientemente o filho e, por isso, ver-se-á obrigada a travar um duro combate com a sua consciência pesada a fim de recuperar a alma do filho e a sua própria. E ela chega, enfim, à “casa de Deus” – *Quando o Sol se pôs completamente, já a alma de Ana Isabel se encontrava lá no alto, onde não há nenhum temor, quando se lutou bem. E bem lutara Ana Isabel até ao fim.* É este comentário apreciativo do narrador que sublinha quanto é mais importante o arrependimento e a penitência do que o pecado, uma vez que este pode, com trabalho humano, dissolver-se na absolvição divina.

A identificação dos defeitos da sociedade desempenha um papel importante nos contos de Andersen e ele não se exime a uma revelação que decorre, em grande parte, da sua experiência de vida; colocada no meio de dois lugares e de dois meios sociais incompatíveis, não raras vezes, a personagem anderseniana (tal como o próprio autor) fica separada de todos para sempre, carente de afectos, de reconhecimento, marcada pela solidão. Assim aconteceu com Ana Isabel que deixou o filho para ser ama de uma criança a quem criou – *o doce filho do conde* – e que, anos volvidos, já nem a lembrava sequer. *Olhou-a, mas não disse uma palavra. Não a reconheceu.* Esta separação entre o mundo dos ricos e o mundo dos pobres surge também, de forma mais subtil, através do distanciamento provocado pela interposição entre as personagens de objectos que as impedem de tocar o outro ou pela própria distância que lhes permite verem-se, apenas ao longe (referimo-nos às situações vividas pela “Rapariguinha dos Fósforos” e pel’ “O Firme Soldado de Chumbo” (1838)). A dicotomia dos mundos aparece plasmada num conto trágico, com fortes contornos biográficos, que representa uma belíssima homenagem de Andersen à mãe – trata-se de “Não Prestava Para Nada!” (1853), conto em que a senhora, dirigindo-se à lavadeira, diz: *Respeito os pobres (...) Perante Deus podem vir a ocupar um lugar mais alto do que muitos ricos, mas, na terra, não se pode ir por caminhos tortuosos quando se quer avançar ou voltar-se-á a carruagem (...).* Essa mesma realidade enforma-a, contudo, em humor para, simultaneamente, desvelar e exorcizar o mal que a diferença causa e lhe causa; paradigmáticos a esse nível são os contos “Tudo no Seu Devido Lugar” (1853) e “O Jardineiro e o Senhor” (1871). No primeiro, um dos barõezinhos olha para o retrato dos antepassados e comenta: – *Mas não são verdadeiramente da nossa família! (...) Ele era negociante de meias e ela moça de gansos. Não eram como o papá e a mamã!* Partindo do princípio de que “a verdade sai da boca das criancinhas”, a criancinha em questão veicula a ideia, decerto bem arreigada na sua mente, de que a nobreza de espírito e de carácter são letra morta diante da riqueza e do prestígio social. Em “O Jardineiro e o Senhor” a oposição mostra-se, desde logo, no título; Larsen, o jardineiro, era um artista que – qual Andersen – encontra e mostra a beleza das coisas onde ela deve ser procurada e não onde ela está exposta mas o dono do solar e de Larsen apenas via, nos seus dotes, motivo de orgulho para si próprio. As falas reproduzidas – *Tudo o que Larsen faz – declarou Sua Senhoria – é apregoadado a todos os ventos. É um homem com sorte! Quase me sinto orgulhoso de o ter ao meu serviço!* – levam-nos a sentir, de forma mais intensa, a ironia amarga que se desprende das palavras com que o narrador aprecia o seu carácter e desmistifica os seus sentimentos – *não era orgulho o que sentia! Sabia que era o senhor, que o podia despedir, o que não fazia, é claro, por ser boa pessoa; e nesta classe há muito boas pessoas, o que é também uma sorte para todos os Larsens.* (Tal como

Larsen, também Andersen sabia o que era servir senhores que não sabem apreciar os talentos que lhes passam ao lado). Ganha então outro sentido o brevíssimo final – *Pois é esta a história do jardineiro e do senhor!* O apelo directo do narrador ao ouvinte-leitor que fecha a história insinua uma cumplicidade, uma simpatia indisfarçável do narrador pela personagem, que neste caso passa a assumir-se como representante de toda uma classe desfavorecida à nascença, logo desprezada ao longo da vida. Larsen/Andersen(?) é uma personagem comovente pela ingenuidade e, simultaneamente, pela força de vontade com que se entrega à busca da perfeição. Comovente, de uma outra forma, se revela o conto “Filho de Porteiro” (1866). O narrador estabelece, logo no início do texto, a oposição social entre os intervenientes – *A família do general vivia no primeiro andar, a do porteiro na cave. Havia uma grande distância entre as duas famílias, todo um andar e a posição social.* Os pais queriam, para Emíliazinha, *um príncipe*, mas um príncipe verdadeiro; só o Génio de Jorge, as suas capacidades para a Arte, o seu empenho, o ser arquitecto, os seus planos para a imortalidade não demoviam o general e a mulher mas... Jorge prosperou, veio a ser conselheiro de estado e Emília veio, naturalmente, a ser a mulher do conselheiro de estado. (Tal como Jorge, Andersen era humilde, tal como ele teve o Génio e a força para atingir a imortalidade na Arte, só não obteve o Amor e apenas este pormenor os separa).

O amor entre homem e mulher, nos contos de Andersen, pauta-se, regra geral, pelo desacerto no bater dos corações, deixando o jovem, afectiva e efectivamente exilado. Amor silencioso, viagem, sofrimento e libertação pelo sono da morte são alguns dos ingredientes do belíssimo conto “Sob o Salgueiro” (1853), que constituem, segundo o próprio Andersen, um par de folhas da história da sua própria vida. (Tratar-se-ia, neste caso, do amor infeliz pela cantora sueca, Jenny Lind). Em “Namorados” (1843), já o desencontro amoroso surgia como tema, terminando a história com o reencontro, anos passados, do pião e da bola, prováveis representantes de Andersen e de Riborg Voigt – e *o pião não falou mais do seu antigo amor. Esvanece-se, quando a namorada permanece cinco anos numa goteira a encharcar-se, sim, já não se a conhece, quando se volta a encontrá-la no barril do lixo.*

Tema recorrente é o da afinidade entre os objectos e os homens, que resulta do pensamento animista de Andersen. O destino dos objectos é, também ele, o reflexo desapiadado do destino humano na terra. Recordem-se, a esse propósito, “A Agulha de Passajar” (1845) e “O Bule” (1864), escrito, segundo Andersen, em Toledo, mas tendo muito mais de si próprio do que de Toledo. A agulha, presumida e arrogante ao longo da vida, acaba na valeta para todo o sempre; o bule, outrora tão orgulhoso que, reconhecendo embora os seus defeitos, nunca falava deles, acaba, sem préstimo e lançado para o jardim como um caco velho; as diferenças entre eles estão em que o velho bule tem recordações que ninguém lhe pode tirar enquanto a agulha nem isso tem; e as recordações são a pedra de toque da existência e do conto que a perpetua, porque são elas sempre que tecem o conto – mais ou menos trágico – da vida.

O interesse e a admiração pelo progresso científico nascente que permitirá estabelecer pontes entre o velho e o novo serve de tema ao conto “A Grande Serpente do Mar” (1871), metáfora para designar *o cabo telegráfico, grande e com o comprimento de milhas que os homens colocavam no fundo, entre a Europa e a América;* este conto

permitir-lhe-á, também, em tom paródico, analisar as reacções de compreensão ou estupefacção dos peixes perante as invenções lá de cima. Dominados ambos pelo tom bem-humorado surgem os temas do Teatro e do Teatro de Fantoques em “A Comadre” (1866) e “O Homem dos Fantoques” (1851); naquele, através do discurso indirecto livre do narrador, ouve-se o delicioso pensamento da Comadre que, mesmo doente, não perdia uma comédia – *Não podia decerto imaginar o Reino dos Céus sem que aí devesse haver também um teatro. Não nos fora, em verdade, prometido, mas era de pensar que os muitos actores e actrizes notáveis que para lá tinham partido antes, devessem ter a sua esfera de acção continuada.* A Arte e a reflexão sobre o Belo dominam os contos “Psique” (1861) e “Que Bela!” (1859), sendo este último pautado, em alguns momentos, por um humor construído sobre jogos de linguagem que facilmente provocam o riso. A Poesia e o Poeta, a Literatura e o Livro são outros tantos temas basilares de Andersen e através deles, ou com eles, se realizam longas viagens de reflexão e auto-conhecimento em “A Tia Dor-de-Dentes” (1872), “A Sombra” (1847), “O Duende em Casa do Merceeiro” (1853) ou “O Aleijadinho” (1872).

Hans Christian Andersen, o filho do pobre sapateiro de Odense, sempre sonhou ser actor célebre e ganhar a imortalidade. Não se limitou, no entanto, a sonhar. Intrépido, lutou durante toda a vida para o conseguir e, se não homenageou Talma no palco do Teatro Real de Copenhaga, o grão da sua voz ecoou através das cento e cinquenta e seis actuações na Arte do Conto. Elas granjearam-lhe o reconhecimento na Dinamarca e no Mundo. Deixemo-lo descansar um pouco da longa viagem que tem feito ao longo destes quase dois séculos. Façamos-lhe, agora, momentaneamente, a vontade e atendamos ao seu pedido: *Quando vier o tempo de eu próprio com a história da minha vida ser encadernado numa sepultura, ponde então como inscrição: «Um bom humor». É a minha história.* (“Um Bom Humor”).

Fundação Calouste Gulbenkian
Lisboa, 7 de Outubro de 2004